

Concluindo o nome é bororo pois os bororos é que dominavam a região, como acabamos de ver. A língua bororo nada tem nem de tupi nem de guarani. Se o Governador de São Paulo levou 123 (cento e vinte e três) dias de São Paulo até Cuiabá e foi considerada a viagem mais rápida, como teriam chegado os guaranis e muito menos os tupis até Cuiabá, que não tinha nada para atraí-los antes dos bandeirantes ?

Esta é a nossa opinião, que, como qualquer outra, não tem caráter de infalibilidade.



MINHA AVÓ CODÓ

por Maria de Lourdes da Silva Ramos

"És a lua de ontem
minha avó.

Ausente à vista, certa na memória;
tranquila na lembrança
como o pão e a roupa
os livros que me deste".

Péricles E. da Silva Ramos

Ao mudarmos para São Paulo, ao separarmos de vovó, mamãe sofrera muito: das filhas talvez a mais próxima, unidas por várias afinidades. Conheci também, como sua primeira neta – alvo de muito de seu amor –, tristeza enorme ao deixá-la.

Tanto significou vovó para mim, que neste momento, que desejo dela contar, o pensamento se embaralha, as emoções se confundem e eu me perco receando que à memória aflorem recordações pueris, não exprimindo realmente o que gostaria dela contar. Não sabendo se de sua espiritualidade, de sua força, ou apenas de seu carinho de amiga, mãe, avó. Avó que soube transmitir ensinamentos que me valeram para sempre. Avó amiga, que comigo conversava, sentadas na rede, como se eu fosse adulta, ou da avó que presenteava a criança com encantados brinquedos, não só adquiridos em Cuiabá, como os que trouxera do Rio de Janeiro. Entre eles um serviço de jantar de louça com terrina e tampa, pratos e travessas, onde a maior delas era do tamanho da menor que te-

mos em nossos serviços de gente grande ... além de coleção de pequenos pratos com fingidas comidinhas; o ovo frito, o frango assado inteiro ... a folhinha de alface. Brinquedos alemães.

Devo contar também da avó que me ensinara a ser cristã.

Anteriormente, em "Menina de Cuiabá", livro de reminiscências, escrevi: "O casarão de Nhonhô e Codó, quartel da amizade, do amor, portas abertas ao peregrino, ao velho, ao pobre, ao rico, ao feliz – ou ainda àqueles mais machucados pela vida (...). A casa de meus avós, a casa de minha mãe, a casa de meus velhos cajueiros, a casa em que nasci."

Procurei nesse parágrafo retratar um pouco do que ... assisti ao lado de minha avó: a prática da verdadeira caridade, do amor ao próximo, virtudes que a ela se integraram. Procurei traduzir algo do que se passava em sua casa. Contar sobre ela, criatura que também a vida tanto machucara ... Cega aos quarenta e poucos anos, mãe de 13 filhos, com a última ainda pequenina.

Malograda a operação de catarata feita por grande especialista do Rio de Janeiro, retirada a venda de proteção à cirurgia, ela nada mais enxergou, sequer tênue sombra.

Diante de tamanho infortúnio, resignada, não blasfemou, nem se enfraqueceu. Continuou no afã com a numerosa família, conduzindo-a, a muitos outros ajudando, esteio de tantos com os olhos perfeitos ...

Fé inquebrantável, orava grande parte do dia, sentada em sua rede branca ou junto à grande e antiga cômoda. E os olhos da alma a faziam enxergar mais longe ...

Sobre ela aludiu certa vez, repetindo palavras paternas, um seu sobrinho, fisicamente distante, porém próximo na amizade perene da família por ela preservada. Escreve o primo Aloísio Novis em seu discurso de posse como membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, lembrando seu pai, o nosso tio Lula: "Recolho o exemplo de elevação moral na palavra de consolo que, certa vez, fez chegar a uma irmã, quando de Mato Grosso, lhe anunciou a perda total da visão". Relembra, em resposta, a imitação de Cristo e a grande verdade que ali está: "Quem me segue não anda em trevas", e acrescenta: "impregnada de Deus, a al-

ma nunca se satura de penas e nela há sempre uma fresta para a Grande Luz, mesmo quando se haja cerrado os olhos do corpo para a claridade solar." Conclui Aloísio: No sentimento de Aristides Novis (*seu pai*) o encontro da linha vertical de uma consciência com a linha horizontal da caridade desenhando a cruz da redenção".

Afianço-lhes que, proféticas, essas palavras revelam-lhe a vida, sempre norteada pela cruz redentora ...

Seu nome raro, Cordolina, lhe proporcionou o apelido de Codó, não havendo em toda a cidade quem não a conhecesse ou ao menos lhe ouvisse o nome.

Letrada o bastante para sua época, viva, interessada sobre vários assuntos, apreciava a leitura, e uma vez impossibilitada de fazê-lo, teve, nos olhos de sua filha Mariazinha, os seus próprios, tal a dedicação que a amorosíssima filha lhe dispensou por toda a vida. Dona desse recurso precioso de amor filial, punha-se a par das notícias do "Estado de Mato Grosso", jornal diário, "A Cruz" e outras leituras, incluindo a interessante revista local "A Violeta", muito apreciada por ela, "Órgam do Grêmio Literário Júlia Lopes", como nos revela o número 261, que tenho em mãos, datada de 29 de fevereiro de 1940.

De pequeno tamanho, traz a revista em sua capa de cor clara, ornamentos em volutas barrocas de tons azulados, onde brotam folhinhas recortadas e flores miúdas, violetas?... Dirigida por mulheres, como Maria Dimpina e Benilde B. de Moura, admiráveis cuiabanas, suas vinte e uma páginas contam com ótimas colaborações femininas do quilate de D. Maria Ponce de Arruda Müller. Poetas locais, como Adalgisa, Mascote e Albanísia, suas páginas ilustram, ao lado de Júlio Dantas, em "A Máscara", e Bilac, em "Último Carnaval":

"Incola de Subuna ou de Sibaris,
Nascestes em Saturnal: viveste estulto
Na folia das feiras, no tumulto
Dos caravancarás e dos bazares (...)"

Encontramos ainda várias crônicas, inclusive sobre o "Recenseamento", trabalho de Maria Dimpina. Em sua última página, anún-

cios de farmácias: "Drogaria e Farmácia Catedral", de José Lopes Grise, e "Calcehina: Um remédio que cura. Um alimento que fortifica."

Essa revista, mais do que a "mordida na tartine", de Proust, em suas páginas desbotadas, devolveu-me bom retalho do passado ao lhe pôr os olhos.

A maioria das pessoas citadas em suas notas sociais (casamentos, batizados, óbitos, nascimentos) desfilaram diante de mim: serenos uns, radiantes, vivos, eloqüentes outros. Calados. Mortos. Risonhos outros tantos. Alguns me apertando as mãos resgatando amizades. Outros ainda a me lembrar findos amores ... Quase todos disseram algo, num festival inenarrável de saudades ...

Elza Duarte surgiu à minha frente arrastando pela passadeira vermelha da antiga catedral, (tão desastrosamente demolida), seu alvo traje de núpcias. Nos lábios o sorriso mais cândido que conheci. À página 19 a notícia: "Enlace Monteiro – Nigro: No dia 24, uniram-se pelos indissolúveis laços do matrimônio, a nossa distinta amiga Elza Duarte Monteiro, um dos mais brilhantes elementos da alta sociedade cuiabana, e o Sr. Orlando Nigro, engenheiro sanitaria do Departamento de Saúde Pública do Estado. Ao venturoso par 'A Violeta' apresenta os mais ardentes votos de ilimitada prosperidade numa vida envolta completamente nas mais perfumosas flores de felicidades."

Várias notas sobre viajantes e estudantes terminando férias, pois corria fevereiro, e não contando Cuiabá com uma universidade, os jovens se deslocavam em estudos para o Rio, São Paulo, Minas ou Bahia.

Dentre as notas sociais, destaca-se a que se refere ao emérito conterrâneo Luis-Philippe Pereira Leite: "Cuiabá teve a grata satisfação de abraçar por alguns dias, um de seus diletos e ilustres filhos, o apreciado Luis-Philippe Pereira Leite, acadêmico de Direito no Estado do Rio, o qual em gozo de férias visitou sua estimada família e amada terra. Inteligência fecunda, no ambiente literário (...)"

Aqui devo, como cuiabana que honra os valores de sua gente, reverenciar a figura do eminente conterrâneo.

A "Violeta" ao registrar a passagem pela terra natal, no ano de 40, do então jovem estudante, afirma-o como de "inteligência fecunda",

o que vem comprovando-se ao longo de quase meio século que nos separa daquela data. Tal qualidade se apresenta de forma incontestável, traduzida ora em suas brilhantes páginas literárias: "Capitães Generaes de Matto Grosso", "Coração Peregrino", "Forquilha", "Instantes Vivos", "A Exaltação da Humildade", e tantas outras, entre as quais uma publicação, de 1985 "Três Sorocabanos no Arraial" -, tive a honra, a ventura mesmo, de recebê-la em minha casa, enviada que me foi por seu erudito autor. Firma-se também como jornalista, jurista e participa das atividades culturais, literárias e históricas do Estado de Mato Grosso, culminando com a entrada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 22 de abril de 86. Numerosas suas premiações: "Ordem de São Gregório Magno"; a medalha pró "Eclesia et Pontifice", único mato-grossense a possuí-la; medalha "Pascoal Moreira Cabral"; "Botão de Ouro" por serviços à Legião Brasileira de Assistência.

Sobre ele escreve Lenine Póvoas, já por mim citado, outro digno expoente das Letras de Mato Grosso: "A desdita de haver perdido a vista pouco afetou a sua produção intelectual".

Sim, Luis-Philippe, também como minha saudosa avó Codó, ainda jovem teve os olhos cerrados para a "claridade solar", sem entretanto perder a visão maior, a visão de si mesmo, a visão do mundo.

Ouvi dele há poucos anos em Cuiabá, ao visitá-lo, que muito lhe valera sua imagem forte, seu otimismo, enfim, boa parcela de esperança lhe emprestara ela, no momento amargo em que a penumbra passara a envolvê-lo.

Essa figura valorosa de mulher, mãe e avó, muita falta nos fez quando deixamos Cuiabá. Como não sofrer sua ausência ?

De seus numerosíssimos netos, fui a única que seus olhos ainda viram.

Sua sociabilidade ao lado de grande ternura permitiram remetesse por ocasião de meu primeiro aniversário de casamento a mensagem: "Felicitações, abraços jovem casal, primeiro aniversário suas bodas. Beijos, abraços. Vovó Codó."

A morte a levou aos 73 anos, dias após ao nascimento de meu primeiro filho, em 1949. Nessa ocasião recebi seu último carinho, ex-

presso num telegrama: "Imensa alegria nascimento primeiro bisneto. Bênçãos, felicitações, abraços extensivos seus pais e marido. Vovó Codó."

A seu enterro compareceu toda a cidade: grandes, pequenos e todos aqueles seus amigos de pés no chão ...

Na evocação deste momento, buscando em meio às saudades caminho para a velha casa, para seu antigo quarto, surpreendo-a na tarde vagarosa e morna, em sua rede de varandas rendadas, ensinando poesia à neta, então com sete anos. Chego a ouvi-las dizer juntas o soneto "Rosa", de Bilac, plantada por ela em meu coração: "Rosa colhia sozinha/lindas rosas no jardim (...)"

Adolescente, ao passar férias em Cuiabá, eu a deleitaria retribuindo um pouco de tudo quanto me oferecera, lendo para ela. E desta vez a enterneci com a interpretação que dei às apaixonantes e ternas palavras do cardeal português, do expressivo Júlio Dantas, em sua "Ceia dos Cardeais", página por ela muito apreciada:

"Ai, como é diferente o amor em Portugal

(...) – Oh, se amei ... se amei

Amei demais !"

Novembro de 1987



ARSENAL DE GUERRA DE CUIABÁ

por Miguel Biancardini Neto

Os Estados Membros, no uso da Competência Concorrente que lhe outorga o § 1º do artigo 13, da Constituição Federal, podem legislar sobre Tombamento de bens móveis e imóveis, existente no Estado e de real valor histórico.

Através a Portaria 63/83, de 15 de novembro de 1983, a Fundação Cultural de Mato Grosso, com base nos artigos 4º e 5º, da Lei Estadual 3.774, de 20/09/76, determinou a inscrição no Livro de Tombo Histórico, do Estado, do imóvel da União, denominado originalmente de